

Adaptação portuguesa do Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R): Um estudo exploratório

Portuguese adaptation of the Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R): An exploratory study

SOFIA MAJOR¹, CÁTIA MIRANDA²,
MARTIÑO RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ³ Y ANA PAULA RELVAS⁴

RESUMO

A presente investigação foca-se nos estudos de adaptação e validação para a população portuguesa de um inventário de avaliação da diferenciação do *self*, o *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003). A amostra recolhida envolveu 470 adultos, sendo 249 do sexo feminino e 221 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos. Nos estudos de análise fatorial exploratória da versão portuguesa não se obteve uma total replicação da composição fatorial original para os quatro fatores considerados. Os resultados obtidos para a consistência interna revelaram um valor ajustado para efeitos de investigação. A análise do impacto das variáveis sociodemográficas, no resultado total do inventário, apontou para níveis de diferenciação do *self* mais elevados em sujeitos mais jovens, bem como com níveis de escolaridade mais elevados. Dada a natureza exploratória desta investigação, estudos adicionais poderão reforçar as propriedades psicométricas da versão portuguesa do DSI-R.

1 Doutorada pela Universidade de Coimbra. Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Rua do Colégio Novo, Apartado 6153, 3001-802 Coimbra. Telefone: (+351) 239851450. E-mail: smajor@fpce.uc.pt

2 Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

3 Doutorando em Psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela.

4 Doutorada pela Universidade de Coimbra. Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Palavras chave: *População portuguesa, validação, diferenciação do self, DSI-R.*

ABSTRACT

The present research focuses on the studies of adaptation and validation for the Portuguese population of an inventory which assesses the differentiation of self, the Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003). The sample of this research included 470 adults, 249 women and 221 men, aged between 18 and 80 years. Regarding the exploratory factor analyses for the Portuguese version, a total replication of the original factor structure for the four considered factors wasn't obtained. The results for the internal consistency studies presented an adequate value for investigation purposes. The analysis of the impact of socio-demographic variables, on the total score of this inventory, indicated higher levels of differentiation of self in younger participants, as well as with a superior academic level. Once this is an exploratory research, additional studies could reinforce the psychometric properties of the Portuguese version of the DSI-R.

Keywords: Portuguese population, validation, differentiation of self, DSI-R.

INTRODUÇÃO

A diferenciação do *self* constitui o conceito nuclear da teoria familiar sistémica de Murray Bowen, considerada, por muitos autores, como a mais compreensiva do funcionamento humano sob uma perspectiva sistémica (Charles, 2001; Jenkins, Buboltz, Schwartz, & Johnson, 2005; Miller, Anderson, & Keala, 2004; Nichols & Schwartz, 2004; Rodríguez-González & Kerr, 2011; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, in press), ao procurar compreender a

ligação entre o funcionamento individual e a dinâmica relacional familiar (Nichols & Schwartz, 2004). Todavia, a compreensão do conceito de diferenciação do *self*, à luz da teoria de Bowen, requer a distinção entre dois níveis de diferenciação: o nível básico (*self básico*) e o nível funcional (*pseudo-self*). O *self* básico é estável (apesar de ser suscetível a um ligeiro aumento através, por exemplo, de terapia), sendo estabelecido sensivelmente no momento em que o jovem adulto se separa da sua

família de origem (Bowen, 1978). Por sua vez, o pseudo-*self* é um *self* fluido e instável, visto que sofre variações ao longo do tempo, como resposta a uma série de pressões sociais e estímulos (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988).

Relativamente à definição do conceito de diferenciação do *self* propriamente dito, importa salientar o seu cariz multidimensional, caracterizado pela capacidade de equilibrar as duas dimensões do *self*: intrapessoal e interpessoal. A dimensão intrapsíquica da diferenciação relaciona-se com a capacidade para distinguir as emoções dos pensamentos e a dimensão interpessoal prende-se com a capacidade para equilibrar a intimidade e a autonomia nas relações (Bowen, 1978). Estes dois aspetos do *self* podem operacionalizar-se através de quatro dimensões: Posição do Eu, Reatividade Emocional, Fusão com os Outros e *Cut-off* Emocional. Em termos concretos, no que respeita à Posição do Eu, um elevado nível de diferenciação do *self* estará associado à capacidade de um indivíduo assumir a sua própria posição; as suas ideias e os seus objetivos são verdadeiramente tidos como seus. Ao invés, numa pessoa com baixa diferenciação do *self*, as ideias não são verdadeiramente suas, resultando de uma reação à posição do outro. Quanto à Reatividade Emocional, uma elevada diferenciação do *self* leva o indivíduo a ser capaz de refletir sobre as suas emoções, mantendo-se

calmo e capaz de lidar, de uma forma ponderada e pensada, com determinada situação stressante. Contrariamente, uma pessoa com baixa diferenciação do *self* possui um nível elevado de Reatividade Emocional, pois tem dificuldade em manter a calma perante a emocionalidade dos outros (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988). No que concerne à Fusão com os Outros, e atendendo ao papel da família no estabelecimento de padrões de interação (García-Méndez, Rivera-Aragón, Reyes-Lagunes, & Díaz-Loving, 2006), pode dizer-se que as pessoas fusionadas tendem a manter-se emocionalmente presas à posição que ocupavam nas suas famílias de origem, possuem poucas convicções próprias e procuram aceitação e aprovação acima de qualquer outro objetivo (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988). Por sua vez, o *Cut-off* Emocional descreve a forma como é gerida a indiferenciação e a intensidade emocional que lhe está associada, entre gerações. Este *Cut-off* Emocional traduz-se, na maioria dos casos, num distanciamento não só emocional mas também físico (Bowen, 1978; Nichols & Schwartz, 2004).

Neste contexto, com o objetivo de estimar o *self* básico de uma pessoa, Bowen (1978) apresentou a Escala de Diferenciação do *Self*, cotada de 0 (*Nada diferenciado*) a 100 (*Totalmente diferenciado*). No entanto, esta escala representaria um referencial me-

ramente teórico, pois o autor nunca a operacionalizou através de um instrumento de avaliação. Não obstante, ao longo das últimas décadas, têm sido desenvolvidos vários instrumentos de avaliação com o intuito de operacionalizar o conceito de diferenciação do *self*, podendo ser agrupados em duas categorias: aqueles que medem o nível de diferenciação enquanto variável do sistema familiar, e aqueles que avaliam o nível de diferenciação como variável individual. No que respeita à avaliação da diferenciação enquanto variável do sistema familiar, na literatura evidencia-se o seguinte instrumento: *Personal Authority in the Family System Questionnaire* (PAFS; Bray, Williamson, & Malone, 1984). Quanto à medição da diferenciação enquanto variável individual, destacam-se os seguintes instrumentos: *Chabot Emotional Differentiation Scale* (CED; Licht & Chabot, 2006); *Differentiation of Self Inventory* (DSI; Skowron & Friedlander, 1998), com uma versão revista (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003); *Differentiation of Self Scale* (Kear, 1978, citado por Rodríguez-González, 2009); e *Level of Differentiation of Self Scale* (LDSS; Haber, 1993, citado por Rodríguez-González, 2009). De acordo com vários autores (Licht & Chabot, 2006; Miller et al., 2004; Rodríguez-González, 2009; Skowron & Schmitt, 2003), a maioria dos questionários mencionados não abordam os aspetos princi-

pais do conceito de diferenciação do *self* apresentados por Bowen. Efetivamente, o DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) e o PAFS¹ (Bray et al., 1984) são os únicos que vão de encontro aos postulados de Bowen relativamente à diferenciação do *self*, visto que ambos têm em consideração as dimensões intra e interpessoais da diferenciação do *self*, procurando medir a diferenciação do indivíduo (Licht & Chabot, 2006; Rodríguez-González, 2009; Skowron, Holmes, & Sabatelli, 2003). De igual modo, ambos os instrumentos apresentam provas evidentes de precisão e validade, possuem uma natureza multidimensional e não se limitaram a uma faixa etária restrita (Bray et al., 1984; Lawson, Gaushell, & Karst, 1993; Rodríguez-González, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003).

Porém, o DSI-R, ao medir a diferenciação como um construto individual e não como o nível de diferenciação do sistema familiar, parece aproximar-se mais fielmente da definição de diferenciação do *self* de Bowen (Licht & Chabot, 2006; Rodríguez-González, 2009, Rodríguez-González, M., Relvas, A. P., Major, S., Miranda, C., & Rousselot, M., 2011). Além disso, o PAFS não contempla a dimensão do *Cut-off* Emocional, fundamental para o construto de diferenciação (Skowron et al., 2003). Rodríguez-González (2009; Rodríguez-González & Kerr, 2011)

acrescenta que, entre os instrumentos criados até à atualidade, o DSI-R, além de ser o instrumento mais fiel à teoria original de Bowen, é também aquele que conseguiu alcançar uma maior moderação na quantidade de itens apresentados (46 itens no DSI-R vs. 132 itens no PAFS), sendo o único questionário reconhecido como coerente com a teoria de Bowen pelos membros do Georgetown Family Center (Washington, D.C.).

Esta escala foi publicada pela primeira vez em 1998, por Skowron e Friedlander, nesse artigo as autoras apresentam três estudos levados a cabo aquando do processo de desenvolvimento e validação inicial do DSI (Skowron & Friedlander, 1998). Do primeiro estudo resultou uma versão do DSI com 78 itens, repartidos por quatro fatores (Skowron & Friedlander, 1998). O segundo estudo envolveu uma revisão dos itens e do alcance teórico da primeira versão do DSI, em que permaneceram apenas 43 itens, distribuídos por quatro subescalas denominadas: Reatividade Emocional, Posição do Eu, *Cut-off* Emocional e Fusão com os Outros (Skowron & Friedlander, 1998). Finalmente, o terceiro estudo pretendeu confirmar a estrutura fatorial do DSI e testar as relações teoricamente existentes entre diferenciação do *self*, sintomas psicológicos e satisfação conjugal (Charles, 2001; Skowron & Friedlander, 1998).

Atendendo aos valores mais fracos obtidos no coeficiente alfa de Cronbach para a subescala Fusão com os Outros, a oscilarem entre .57 e .74 (Skowron, 2000; Skowron & Friedlander, 1998), Skowron e Schmitt (2003) levaram a cabo uma revisão do DSI, com o objetivo de incrementar as suas propriedades psicométricas. Por conseguinte, surgiu a versão revista do DSI, o *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003), que consiste num inventário de auto-resposta, constituído por 46 itens. Este inventário avalia a diferenciação do *self* em adultos, sendo os itens repartidos por quatro subescalas (Reatividade Emocional, Posição do Eu, *Cut-off* Emocional, e Fusão com os Outros), todas elas com índices de consistência interna (alfa de Cronbach) elevados (entre .81 e .89), sendo o valor relativo ao resultado total do DSI-R igualmente elevado (.92) (Skowron & Schmitt, 2003). Segundo os autores do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003; Skowron et. al, in press), a subescala Reatividade Emocional mede a tendência das pessoas para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas. A Posição do Eu avalia a medida em que os indivíduos têm claramente definido o sentido do *self*. O *Cut-off* Emocional mede o distanciamento emocional e comportamental, assim como os medos de intimidade ou sufoco nas relações. Por fim, a Fusão

com os Outros refere-se à indiferenciação relativamente aos outros. É importante salientar que, considerando que a subescala de *Cut-off* Emocional do DSI-R avalia o receio de intimidade e a possibilidade de sensação de sufoco nas relações próximas, esta situação parece remeter para a necessidade dos sujeitos avaliados com este inventário estarem envolvidos numa relação amorosa, situação esta confirmada não só nas instruções de preenchimento, mas também no próprio conteúdo de vários itens do DSI-R (e.g., “*When I’m with my spouse/partner, I often feel smothered*” – Item 36). Relativamente ao impacto das variáveis sociodemográficas no resultado total da versão norte-americana, os estudos de adaptação e validação do DSI-R (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) demonstraram que, quando se toma a diferenciação do *self* como um todo, não existem diferenças significativas em termos de idade, sexo e estado civil dos sujeitos. A única diferença significativa encontrada remete para o nível de escolaridade, visto que níveis de escolaridade mais elevados se associam a níveis igualmente superiores de diferenciação do *self*.

Desde o desenvolvimento do DSI, diversos estudos têm sido levados a cabo noutros países. Assim, Tuason e Friedlander (2000) aferiram o DSI para a população Filipina e não encontraram diferenças significativas nos valores

globais de diferenciação do *self* relativamente à versão norte-americana. Por sua vez, Peleg (2008) tem desenvolvido estudos com o DSI na população Israelita, associados a boas qualidades psicométricas, com um índice de consistência interna total de .88 (Peleg, 2002, citado por Peleg, 2008). Também em Espanha foram realizados estudos de adaptação do DSI-R, com índices de fiabilidade que corroboram a utilidade do DSI-R para a população espanhola (alfa de Cronbach da escala total de .86) (Rodríguez-González, 2009). Finalmente, Lam e Chan-So (2010) procuraram validar o DSI-R para a população Chinesa. Apesar do resultado elevado ao nível da consistência interna para a escala total (alfa de Cronbach = .87), a estrutura fatorial mais adequada englobava cinco fatores, contrariamente aos quatro apresentados na versão original do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003). Lam e Chan-So (2010) justificam os resultados obtidos atendendo ao facto de o DSI-R ser um instrumento ocidental, pelo que alguns itens da escala poderão não ser apropriados para a população chinesa, com base nas divergências em termos de contexto cultural.

Dada a relevância da avaliação da diferenciação do *self* na abordagem sistémica e familiar, a presente investigação tem como objetivo apresentar os resultados de um estudo exploratório para a adaptação e validação do *Differentiation of Self Inventory-Revised*

(DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003) para a população portuguesa.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi recolhida através de um procedimento de amostragem por conveniência procurando-se, contudo, recolher uma amostra que fosse representativa da população portuguesa para a variável sexo. Assim, a amostra utilizada neste estudo compreende um total de 470 sujeitos, residentes nas regiões geográficas Norte, Centro e Lisboa de Portugal, dos quais 53.0% são mulheres ($n = 249$) e 47.0% são homens ($n = 221$), valores estes muito próximos dos valores de referência em Portugal de 51.8% e 48.2% para mulheres e homens, respetivamente (INE, 2002). Os sujeitos apresentam idades entre os 18 e os 80 anos ($M = 34.83$; $DP = 13.52$). Dado o vasto leque de idades consideradas na amostra e no sentido de facilitar as análises estatísticas, foram criadas quatro faixas etárias (18-24, 25-34, 35-49 e 50-80), sendo que a maioria da amostra se enquadra entre os 18 e os 34 anos (56.6%). Relativamente ao estado civil, estes sujeitos são maioritariamente solteiros (48.5%) ou casados/em união de facto (48.7%), sendo que apenas 2.8% são divorciados/separados

ou viúvos. A maioria dos sujeitos da nossa amostra apresenta um nível elevado de escolaridade, dado que 42.3% completou o Ensino Superior e 34.7% concluiu o Ensino Secundário.

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos: Elaborado de forma a permitir a recolha de dados que possibilitassem a caracterização da amostra recolhida. Encontra-se subdividido em cinco áreas: (a) dados pessoais (e.g., idade, estado civil), (b) qualificações académicas, (c) profissão, (d) composição do agregado familiar, e (e) relações interpessoais.

Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto (IDS-R): Corresponde à tradução e adaptação portuguesa do *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003, tradução portuguesa de A. P. Relvas, S. Major, M. Rodríguez-González, C. Miranda, & M. Rousselot, 2010) desenvolvido com o objetivo de avaliar a diferenciação do *self* em adultos. A versão original norte-americana é composta por quatro subescalas: Reatividade Emocional (11 itens), Posição do Eu (11 itens), *Cut-off* Emocional (12 itens), e Fusão com os Outros (12 itens) (Skowron & Schmitt, 2003). À semelhança da versão norte-americana, o IDS-R possui um total de 46 itens, avaliados numa escala do tipo Likert

de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*). O cálculo do resultado total e respetivas subescalas requer a inversão da cotação de alguns itens. Neste sentido, quanto maiores forem os resultados da escala total e das subescalas maior será a diferenciação do *self*, ou seja, maior será a capacidade de assumir a Posição do Eu nas relações, sendo menores a Relatividade e o *Cut-off* Emocional, bem como a Fusão com os Outros (Skowron & Schmitt, 2003; Skowron et al., in press).

Procedimento

Antes de dar início ao processo de tradução portuguesa do DSI-R, foi apresentado um pedido formal de autorização junto de uma das autoras da versão original do inventário (Elizabeth A. Skowron). Uma vez obtida essa autorização, o DSI-R foi inicialmente traduzido, de forma independente, por duas alunas do mestrado integrado em psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Posteriormente, as traduções individuais foram discutidas em conjunto com os restantes colaboradores da equipa e com o autor da versão espanhola (Martíño Rodríguez-González), no sentido de alcançar uma versão única da tradução. Com o objetivo de perceber se a tradução obtida era compreensível para os responden-

tes e/ou necessitaria de alguns ajustamentos, recorreu-se à colaboração de 30 sujeitos, de diferentes faixas etárias e níveis socioeconómicos, para preencherem e comentarem qualquer aspeto positivo/negativo relativamente ao inventário. Os comentários, sugestões e dúvidas apresentados por estes 30 sujeitos levaram a um afinamento de alguns itens. Seguidamente realizaram-se duas retroversões, de forma a averiguar se a tradução para português não teria alterado de forma significativa o sentido/significado das instruções e itens da versão original. Os dois tradutores eram bilingues (ambos professores de inglês) e nunca tiveram contacto prévio com o DSI-R ou IDS-R. Estas retroversões foram enviadas a uma das autoras do DSI-R (Elizabeth A. Skowron) para avaliação da tradução, tendo-se procedido apenas a alguns ajustes finais. Comparativamente com a versão original, uma das diferenças que marcam esta adaptação passa pela reorganização do conteúdo do item 31, cuja formulação em português se torna mais clara ao alterar a ordem de apresentação das duas ideias chave da frase (fazer o que está correto vs. obter aprovação). Uma outra diferença prende-se com a idade a partir da qual é possível proceder ao preenchimento do questionário. De acordo com Bowen (1978), o nível de diferenciação do *self* tende a estabelecer-se na altura em que o jovem adulto se separa da sua família de

origem. Foi neste sentido que Skowron e Friedlander (1998) definiram, na versão original do DSI, os 25 anos como a idade mínima requerida para o preenchimento do inventário. Porém, após consulta da autora e atendendo às conclusões do estudo do DSI-R com adolescentes (dos 14 aos 19 anos), que suportam a utilização do DSI-R nesta faixa etária (Knauth & Skowron, 2004), selecionámos como idade mínima os 18 anos, altura em que os jovens portugueses partem para a universidade ou para a procura de um primeiro emprego. Importa ainda salientar que a entrada para a universidade e a saída de casa são apontados como pontos-chave na transição para a vida adulta (Raymore, Barber, Eccles, & Godbey, 1999, citados por Gonçalves & Barros, 2008; Relvas, 2000).

A recolha da amostra decorreu entre Novembro de 2010 e Março de 2011. Após a apresentação de um documento de consentimento informado, os questionários foram entregues em mãos aos sujeitos para estes procederem ao seu preenchimento. Foram igualmente estabelecidos alguns critérios de inclusão na amostra (e.g., idade mínima de 18 anos, nacionalidade portuguesa).

Análises Estatísticas

Num primeiro momento, com o intuito de analisar o ajustamento ou aderência à normalidade da distri-

buição dos resultados do IDS-R foi realizado o teste Kolmogorov-Smirnov. Confirmada a normalidade da distribuição de resultados e cumprimento de pressupostos, procederam-se aos estudos de análise fatorial exploratória através da análise de componentes principais, seguida de rotação Varimax. Uma vez definida a estrutura fatorial da versão portuguesa, realizaram-se estudos de intercorrelações entre fatores e o resultado total do IDS-R (através do coeficiente de correlação de Pearson), bem como de consistência interna, através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Posteriormente, calcularam-se igualmente as estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) para o resultado total e respetivos fatores do IDS-R. Finalmente, procedeu-se ao estudo do impacto das variáveis sociodemográficas no resultado total do IDS-R, através de teste *t* de *student* (e.g., sexo) e *ANOVA* (e.g., faixa etária), complementados com o cálculo da magnitude do efeito. No caso da *ANOVA*, sempre que a diferença alcançada se revelasse estatisticamente significativa, recorremos também a um procedimento de comparação múltipla de médias (Teste de Bonferroni).

RESULTADOS

Análise Fatorial Exploratória

Com o objetivo de determinar a

estrutura fatorial do IDS-R procedeu-se a uma análise exploratória dos seus componentes principais. Num primeiro momento, procedeu-se à verificação do cumprimento dos pressupostos para a realização da análise referida. Assim, para averiguar a normalidade da distribuição foi realizado o teste Kolmogorov-Smirnov, com a obtenção de valores que se aproximam de uma distribuição normal ($K-S = .031$; $p = .200$). Relativamente à dimensão da amostra, Nunnally (1978) recomenda um rácio de pelo menos 10 sujeitos para cada item da escala. Este pressuposto é cumprido, na medida em que o IDS-R possui 46 itens e a amostra é composta por 470 sujeitos. Para verificar a fatoriabilidade da amostra recorreu-se ao teste de Kaiser-Meyer-Olkin, que revelou uma boa adequação da amostra ($KMO = .826$) para uma

análise em componentes principais. Por outro lado, o teste de esfericidade de Bartlett também se afigurou como significativo ($X^2(1035) = 6015.271$, $p \leq .001$), assegurando que as variáveis são correlacionáveis.

Num segundo momento procedeu-se a uma extração de componentes principais, dos quais se identificaram 13 fatores que explicavam 57.93% da variância total (para *eigenvalues* superiores a 1). Após a análise do ponto de inflexão do *scree-plot*, optou-se por proceder à extração de quatro fatores (o que vai de encontro à estrutura fatorial obtida por Skowron & Schmitt, 2003). Procedeu-se ainda ao método de rotação ortogonal *Varimax*, optando por considerar apenas os itens com saturações superiores a .30 (Pallant, 2003). Os quatro fatores identificados explicam 33.50% da variância total.

Quadro 1

Matriz rodada, Comunalidades e Variância Explicada: IDS-R (Rotação Varimax)

Itens*	Componentes				R ²
	1	2	3	4	
34. Sensível quanto a ser magoado...	.669				.446
14. Sentimentos tomam conta de mim...	.637				.406
26. Discussão com o(a) esposo(a)/companheiro(a)...	.589				.347
13. Esposo(a)/companheiro(a) crítica...	.578				.334
18. Altos e baixos emocionais...	.574				.329
21. Sensível a críticas...	.548				.300
29. Discussões com os pais...	.513				.263
30. Aborrecido comigo, não consigo aceitar...	.488				.248
44. Mal disposto(a) depois de discutir...	.485				.235
6. Alguém que é próximo desilude...	.484				.234
5. Encorajamento por parte de outros...	.447				.200
1. Excessivamente emotivo(a)...	.431				.186
10. Não ser tão emotivo(a)...	.430				.185
35. Autoestima depende do que os outros pensam...	.426				.181
17. Necessidade de aprovação...	.424				.180
40. Sinto as coisas intensamente...	.423				.179
33. Inseguro(a) quando os outros não estão por perto...	.408				.168
43. Bastante estável sob stress...	.398				.158
46. Pessoas que são próximas fiquem doentes, magoadas...	.337				.114
42. Esposo(a)/companheiro(a) desse espaço...		.619			.383
36. Frequentemente sufocado(a)...		.549			.301
28. Relações muito intensas, impulso de fugir...		.546			.298
12. Esposo(a)/companheiro(a) não toleraria...		.540			.292
16. Desconfortável quando as pessoas se aproximam...		.535			.285
8. Distanciar quando as pessoas se aproximam...		.529			.280
24. Esposo(a)/companheiro(a) exige demasiado...		.491			.241
3. Inibido(a) junto da minha família...		.491			.241
25. Concordo apenas para não criar conflitos...		.485			.235
20. Preocupado(a) por perder a independência...		.444			.197
39. Coisas correm mal, falar sobre elas piora-as...		.437			.191
32. Apoio emocional membros da família...		.431			.186
2. Dificuldade em expressar sentimentos...		.427			.182
41. Faço o que acredito que é correto...			.635		.403
31. Preocupado(a) em fazer aquilo que acho correto...			-.605		-.385
23. Aceito-me bem...			.544		.295
7. Nunca perderei a noção daquilo que sou...			.539		.291
27. Capaz de dizer "não" aos outros...			.476		.227
37. Raramente preocupado com o que os outros irão pensar...			.465		.215
11. Não altero o comportamento apenas para agradar...			.439		.193
15. Separar os pensamentos dos sentimentos...			.413		.171
4. Bastante calmo(a), mesmo sob stress...			.382		.146
19. Aborrecer-me com coisas que não posso mudar...			.306		.094
22. Corresponder às expectativas dos pais...				.810	.657
9. Quero corresponder às expectativas...				.781	.610
45. Ouvir as opiniões dos pais...				.652	.425
38. Tipo de impressão que crio...				.325	.105
Eigenvalues	5.24	4.49	3.19	2.50	
% variância explicada	11.39	9.78	8.93	5.43	

*Versão abreviada dos itens do IDS-R.

No Quadro 1, pode observar-se que o Fator 1 é composto por 19 itens, com valores de saturação que oscilam entre .337 e .669. A análise dos itens que compõem este fator indica que a maioria pertence às subescalas Reatividade Emocional (10 itens) e Fusão com os Outros (7 itens) obtidas na versão original do DSI-R. Por sua vez, o Fator 2 é constituído por 13 itens, cujos valores de saturação variam entre .427 e .619. Destes 13 itens, 12 pertencem à subescala *Cut-off* Emocional de Skowron e Schmitt (2003). Seguidamente, no Fator 3, encontram-se 10 itens (valores de saturação situam-se entre .306 e .635) dos quais nove pertencem à subescala Posição do Eu da versão original do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003). Por fim, no Fator 4 saturam apenas quatro itens, com valores de saturação entre .326 e .810, mas três destes pertencem à subescala Fusão com os Outros

(Skowron & Schmitt, 2003). Ao analisar estes resultados, verificamos que não foi obtida uma replicação exata da estrutura fatorial do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003).

Intercorrelações, Fatores e Resultado Total

Da consulta do Quadro 2 denota-se que as correlações obtidas oscilam entre níveis baixos ($r = .018$, ns; Fator 2 com Fator 3) a elevados ($r = .899$, $p < .01$; Fator 1 com o Resultado Total do IDS-R). Ao nível das intercorrelações entre fatores destaca-se a correlação obtida entre os Fatores 1 e 4, compostos por itens relativos a reatividade emocional e fusão com os outros ($r = .317$, $p < .01$), bem como o expectável reduzido grau de associação entre os Fatores 2 e 3 ($r = .018$, ns) referentes a itens relacionados com *Cut-Off* Emocional e Posição do Eu, respetivamente.

Quadro 2

Matriz de Correlações entre Fatores e Resultado Total do IDS-R

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Total DSI-R
Fator 1					
Fator 2	.472**				
Fator 3	.191**	.018			
Fator 4	.317**	.091*	.079		
Total IDS-R	.899**	.714**	.381**	.415**	

* $p < .05$ ** $p < .01$

Estadística Descritiva e Consistência Interna

No Quadro 3 encontramos as estatísticas descritivas para o resultado da escala total do IDS-R ($M = 3.88$, $DP = 0.52$) e respetivas subescalas (o cálculo

do resultado total e subescalas deriva do quociente entre o somatório da pontuação dos itens dividido por 46 ou pelo número de itens que compõem a subescala, respetivamente).

Quadro 3

Estatística Descritiva e Alfa de Cronbach: Fatores e Total IDS-R

Resultado IDS-R	M	DP	Alfa de Cronbach
Fator 1	3.57	0.76	.857
Fator 2	4.58	0.75	.789
Fator 3	3.97	0.58	.513
Fator 4	2.95	0.99	.681
Total IDS-R	3.88	0.52	.858

De forma a analisar a consistência interna dos resultados obtidos com a versão portuguesa do IDS-R, procedeu-se ao cálculo do coeficiente alfa de Cronbach para o resultado total e respetivas subescalas. Do Quadro 3 constata-se que o resultado obtido para o IDS-R total é de .86, o que se traduz num valor bom para efeitos de investigação (Pestana & Gageiro, 2003), idêntico ao valor obtido para o Fator 1. Por sua vez, os restantes três fatores apresentam valores ligeiramente mais fracos (de .51 a .79). Com o objetivo de perceber se a eliminação de qualquer um dos itens do IDS-R viria a traduzir-se num aumento da consistência interna do inventário, as correlações item-total corrigidas e os valo-

res do coeficiente de alfa caso o item fosse eliminado foram examinados. Todavia, verificou-se que a exclusão de qualquer um dos itens do IDS-R não altera de forma considerável o valor do alfa total da escala. No entanto, é possível verificar a existência de 12 itens que prejudicam a consistência interna da escala, uma vez que os seus valores se encontram abaixo do valor mínimo desejável de .20 (Kline, 1993) (sete itens pertencentes à subescala de Posição do “Eu”, quatro à Fusão com os Outros, e um ao *Cut-off* Emocional).

Impacto das Variáveis Sociodemográficas no Resultado Total do IDS-R

No que concerne às variáveis sociodemográficas analisamos o impacto das variáveis sexo, faixa etária, estado

civil e nível de escolaridade no resultado total do IDS-R. Na variável faixa etária podemos verificar que os resultados obtidos indicam que a idade se revela estatisticamente significativa no resultado total do IDS-R, $F(3,466) = 4.761$, $p = .003$ (cf. Quadro 4). Recorremos ao teste de comparações múltiplas de Bonferroni, e verificamos que existem diferenças estatisticamente

significativas entre as médias do grupo etário dos 50-84 anos e todos os outros grupos etários mais jovens, sendo que estes três últimos são os que apresentam médias mais elevadas ($M_{50-84} = 3.70 < M = 3.94$; $M = 3.93$; $M = 3.93$, para as faixas etárias 18-24, 25-34 e 35-49, respetivamente). A magnitude do efeito, calculada através do *eta squared*, foi de apenas .03.

Quadro 4

Resultado Total IDS-R: Impacto das Variáveis Sociodemográficas

Variável	Níveis da Variável	n	M	DP	UF	p	Bonferroni
Sexo	Masculino	221	3.94	0.54	1.947	.057	-
	Feminino	249	3.85	0.49			
Faixa Etária	18-24	147	3.94	0.53	4.761**	.003	50-84 < 18-24 25-34 35-49
	25-34	120	3.93	0.54			
	35-49	116	3.93	0.50			
	50-84	87	3.70	0.44			
Estado Civil	Solteiro	228	3.87	0.55	0.488	.614	-
	Casado/União de facto	229	3.91	0.48			
	Divorciado/Separado/Viúvo	13	3.85	0.50			
Nível de Escolaridade	Ensino Básico	104	3.71	0.49	9.046**	.001	Básico < Secundário Superior
	Ensino Secundário	163	3.89	0.55			
	Ensino Superior	203	3.98	0.48			

** $p < .01$

Por sua vez, os resultados para a variável nível de escolaridade (cf. Quadro 4) indicam que esta variável tem um impacto estatisticamente significativo no resultado total do IDS-R, $F(2,467) = 9.046$, $p \leq .001$. Através do teste de comparações múltiplas de Bonferroni concluímos que os sujeitos que completaram apenas o Ensino Básico têm

um resultado total significativamente mais baixo, quando comparados com os sujeitos que concluíram o Ensino Secundário e o Ensino Superior ($M_{\text{Ensino Básico}} = 3.71 < M = 3.89$; $M = 3.98$, para o Ensino Secundário e Superior, respetivamente). A magnitude do efeito de .04 revelou-se, igualmente, reduzida. Por fim, as variáveis sexo e estado

civil não revelaram um impacto estatisticamente significativo no resultado total do IDS-R.

DISCUSSÃO

O presente artigo baseia-se num estudo de natureza exploratória, no âmbito dos estudos de adaptação e validação do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) para a população portuguesa.

Comparativamente com os resultados da versão original (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003), os resultados obtidos ao nível dos estudos de análise fatorial do IDS-R apresentam uma variância explicada ligeiramente superior (33.5%) face aos 26.2% da versão norte-americana. A estrutura de quatro fatores proposta por Skowron e Friedlander (1998) e aperfeiçoada ao nível da subescala Fusão com os Outros por Skowron e Schmitt (2003), também é possível de se obter para a população portuguesa quando se efetua uma rotação Varimax dos itens. Ainda assim, não se obtém uma replicação exata da estrutura fatorial do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003), destacando-se o elevado número de itens que saturam no Fator 1 e o reduzido número de itens no Fator 4 (19 vs. 4; cf. Quadro 1). No que diz respeito ao Fator 1, dos 19 itens, 10 pertencem à subescala Reatividade Emocional do DSI-R. O item 43: “Bastante estável

sob stress...”, embora pertença originalmente à subescala Posição do Eu, também apresenta características que nos remetem para a Reatividade Emocional, na medida em que se refere à capacidade para não se deixar dominar pelas emoções dos outros (Rodríguez-González, 2009; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron et. al, in press). O Fator 1 inclui igualmente um elevado número de itens pertencentes à subescala Fusão com os Outros (sete itens). Destes, os itens 13 “Esposo(a)/companheiro(a) critica...”, 29 “Discussões com os meus pais ou irmão(s)...” e 44 “Mal disposto(a) depois de discutir...” apresentam características não só da subescala Fusão com os Outros, como também indiciam Reatividade Emocional, manifestada na atitude reativa perante o que os outros dizem (e.g., ficar maldisposto). No Fator 2, existem 13 itens, com replicação total dos 12 itens que correspondem à subescala original do *Cut-off* Emocional. Sendo assim, há apenas um item adicional, que pertence à subescala de Fusão com os Outros: o item 25 “Concordo apenas para não criar conflitos...”. Esta alteração poderá fazer sentido na medida em que, no *Cut-off* Emocional também pode suceder apenas um distanciamento emocional (e não físico), por exemplo, através da ausência de diálogo (Nichols & Schwartz, 2004). À semelhança do Fator 2, também o Fator 3 apresenta um elevado paralelismo

com a versão original, visto que nove dos 10 itens pertencem à subescala Posição do Eu. Comparativamente com a versão original, apenas os itens 35 e 43 não saturam neste fator. Todavia, o item 43 “Bastante estável sob stress...” ainda que na versão norte-americana esteja no Fator Posição do Eu, na versão portuguesa encontra-se no Fator 1, que inclui muitos itens de Reatividade Emocional. Porém, este item além de remeter para a Posição do Eu, também pode encarar-se como uma forma de reagir ao exterior. Esta relação entre Reatividade Emocional e Posição do Eu é igualmente notória em termos teóricos, já que ambos os conceitos constituem a dimensão intrapessoal da diferenciação do *self* (Bowen, 1978; Kerr & Bowen, 1988). O Fator 4 é composto por apenas quatro itens, porém, os três itens que saturam de forma mais elevada encontram-se incluídos na subescala original Fusão com os Outros (itens 9, 22 e 45). Uma análise mais exaustiva ao conteúdo destes itens leva-nos a concluir que todos dizem respeito à fusão com as figuras parentais. Perante isto, levantamos a possibilidade da existência de um fator relativo à dependência dos pais. De acordo com Rodríguez-González (2009), embora Portugal e Espanha sejam considerados países individualistas (Hofstede, 2001, citado por Rodríguez-González, 2009), há certas diferenças relativamente aos restantes países individualistas (Euro-

pa ocidental e EUA), tais como o papel e o valor da família. À semelhança do que sucedeu com a versão chinesa (Lam & Chan-So, 2010), também em Portugal poderia ser relevante definir um fator de Fusão com a Família. Porém, há também que atender às faixas etárias da amostra, em que se verifica que uma elevada percentagem de sujeitos possui idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (31.1%). Ora, nestas idades jovens e na situação de estudante, os indivíduos encontram-se ainda bastante dependentes da família de origem, daí que algumas das suas opções estejam sujeitas à aprovação ou expectativas dos pais. Acresce que o facto dos itens relativos à fusão com os outros se encontrarem repartidos pelos Fatores 1 e 4 acabou por contribuir para a correlação entre estes dois fatores ser uma das mais elevadas relativamente às restantes intercorrelações entre fatores.

No que diz respeito à análise da consistência interna do IDS-R, tendo em consideração a classificação proposta por Pestana e Gageiro (2003), o valor de alfa de Cronbach obtido para a escala total em Portugal (.86) é bom para efeitos de investigação e idêntico ao obtido para a versão espanhola (Rodríguez-González, 2009). Na versão original o valor obtido para a escala total DSI-R foi ligeiramente mais elevado (.92) (Skowron & Schmitt, 2003). Porém, esta é uma situação ex-

pectável, na medida em que o DSI-R foi construído para a população norte-americana. Além disso, é um inventário que já sofreu revisões, precisamente no sentido de melhorar a sua estrutura fatorial, bem como a sua consistência interna. Recorde-se que a versão de 1998 (Skowron & Friedlander) possuía um valor de alfa de Cronbach de .88, muito próximo do valor obtido na versão portuguesa. No que diz respeito às subescalas (entre .51 e .86), os valores obtidos são mais fracos do que os da versão americana (entre .81 e .89).

Finalmente, quanto às variáveis sociodemográficas, Bowen (1978) refere que a variável sexo não influencia o nível de diferenciação do *self*. Este postulado teórico vai de encontro aos resultados obtidos com a versão portuguesa e aos estudos realizados nos EUA (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003). Os resultados obtidos por outros autores (Patrick, Sells, Giordano, & Tollerud, 2007; Rodríguez-González, 2009) também têm confirmado o postulado de Bowen, com obtenção de níveis de diferenciação similares entre homens e mulheres. Contrariamente ao sexo, a idade revelou-se como uma variável com impacto significativo no resultado total do IDS-R, sendo que a faixa etária dos 50-84 anos apresenta valores significativamente mais baixos quando comparada com as faixas etárias mais jovens. Em Espanha, Rodríguez-González (2009)

também alcançou conclusões semelhantes; porém, nos EUA (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) a idade não demonstrou ter um impacto significativo no nível de diferenciação do *self*. De acordo com Bowen (1978), o nível de diferenciação do *self* é bastante estável ao longo da vida e esse nível estável seria alcançado no final da adolescência e início da idade adulta. Perante a existência de dados empíricos contraditórios, a melhor forma de testar empiricamente se existem ou não alterações no nível de diferenciação do *self*, ao longo da vida adulta, implicaria a realização de estudos longitudinais. Os estudos transversais, como é o caso do presente estudo, avaliam apenas as diferenças entre idades num dado momento cronológico. Além disso, as diferenças entre as idades são também mediadas por uma variável difícil de controlar através dos estudos transversais: o efeito geracional. No nosso estudo, as diferentes faixas etárias correspondem a diferentes gerações e não podemos esquecer que cada geração vive e desenvolve-se num determinado contexto, com características históricas e culturais que lhe são próprias e, por isso, diferentes das de outra geração. Importa salientar um aspeto mencionado por Bowen (1978) que poderá justificar esta diferença entre faixas etárias. Segundo o autor, embora o *self* básico seja estabelecido no final da adolescência, há aconteci-

mentos incomuns que podem originar modificações no nível básico do *self*, nomeadamente experiências de vida traumáticas, tais como doenças crónicas graves, morte de pessoas muito significativas, entre outros (Bowen, 1978; Rodríguez-González, 2009). Com isto, é possível que as diferenças encontradas não tenham a ver com a idade mas sim com as vivências específicas de cada geração, sendo que a geração que hoje tem 50 ou mais anos tenha vivido ou esteja a viver em condições de stress mais elevadas que as gerações mais jovens. Podemos hipotetizar que as pessoas mais velhas vivenciam mais doenças crónicas e, como referem vários autores (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Homes, & Sabatelli, 2003), o mal-estar físico encontra-se associado a níveis mais baixos de diferenciação do *self*. À semelhança do que foi verificado no DSI-R (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003), na versão portuguesa o estado civil não revelou um impacto estatisticamente significativo no nível de diferenciação do *self*, tratando-se de uma variável sociodemográfica cujas categorias ainda não foram analisadas em mais estudos (de que tenhamos conhecimento), condicionando a possibilidade de estabelecer comparações. Por fim, quanto ao nível de escolaridade, os resultados do nosso estudo apresentaram um paralelismo com a versão norte-americana (Skowron &

Schmitt, 2003), visto que os sujeitos da amostra com mais habilitações académicas (Ensino Secundário e Superior) apresentam níveis de diferenciação do *self* superiores aos indivíduos que possuem menos habilitações (Ensino Básico). Além da versão norte-americana, o nível de escolaridade foi igualmente estudado na aferição do DSI para a população filipina (Tuason & Friedlander, 2000), não se tendo verificado qualquer relação entre o nível académico e o nível de diferenciação do *self* (de encontro à teoria de Bowen, 1978). Porém, coloca-se de novo a hipótese da existência de um efeito da idade ou da geração. Ao longo das últimas décadas, os anos de escolaridade obrigatória têm aumentado (García-Méndez et al., 2006), pelo que os jovens adultos de hoje têm mais anos de formação que os seus pais e avós. À semelhança do que foi avançado previamente, só através do recurso a estudos longitudinais poderíamos observar se os resultados encontrados se relacionam com a idade ou com o efeito geracional dentro do qual se inclui o facto de, hoje em dia, as pessoas estudarem cada vez mais e até mais tarde.

CONCLUSÃO

Em 2001, Charles fez uma revisão das investigações que tentaram validar os construtos centrais da teoria de

Bowen (em que a diferenciação do *self* assume um lugar de destaque) e concluiu que embora existam evidências importantes que apoiam a teoria, também seria necessário continuar a investigar. Passados 11 anos, novas investigações têm sido realizadas, nomeadamente em Portugal, dando origem a novos desafios para a investigação.

A estrutura fatorial original, composta por quatro fatores, não foi replicada de forma exata na versão portuguesa. Por outro lado, embora os níveis de consistência interna sejam bons, poderão ser melhorados. Bowen (1978) argumentou que a sua teoria é universal, ao ponto de poder aplicar-se “a todas as famílias e em todas as culturas” (Kerr & Bowen, 1988, p. 202). Os estudos de adaptação e validação do DSI-R original (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) demonstram que, quando se toma a diferenciação do *self* como um todo, não existem diferenças significativas em termos de idade, sexo e estado civil. No IDS-R tal foi verificado para o sexo e estado civil, mas não para a idade. Relativamente ao nível de escolaridade, os resultados obtidos são congruentes com os da versão original.

Destacam-se como potencialidades deste estudo de carácter exploratório de adaptação e validação do DSI-R para a população portuguesa, o processo de tradução rigoroso a que foi sujeito

o IDS-R e a dimensão da nossa amostra recolhida para um estudo desta natureza. Uma clara limitação deste estudo prende-se com as instruções de preenchimento do IDS-R (tradução literal do DSI-R), que remetem para: “Se acha que uma afirmação não se aplica a si (...) responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação”. Como tal, poderia fazer sentido estruturar duas versões diferentes do IDS-R, uma para quem tem relação amorosa (versão utilizada neste estudo) e outra para quem não tem uma relação amorosa, uma vez que avaliar algo que não existe (a não ser na imaginação) pode gerar resultados dissonantes da realidade e colocar em causa os resultados alcançados. Em termos de estudos futuros, e uma vez que se encontram ainda curso estudos com o IDS-R nomeadamente noutras instituições, tal como na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, destacam-se uma revisão dos itens do IDS-R, a obtenção de uma amostra de maiores dimensões estratificada e representativa da população portuguesa, e a realização de novos estudos de análise fatorial (nomeadamente estudos de análise fatorial confirmatória) e de consistência interna, complementados com outros estudos de evidência de precisão e validade a fim de fortalecer as propriedades psicométricas do inventário (e.g., estabilidade temporal e validade

convergente e discriminante). Por fim, no que diz respeito à prática clínica, importa lembrar o facto da teoria de Bowen ser um dos pilares da Terapia Familiar, graças à sua abordagem amplamente compreensiva. Por conseguinte, o IDS-R poderá vir a revelar-

se uma ferramenta útil na avaliação complementar (pois a entrevista clínica continua a deter um papel primordial) dos indivíduos, das suas famílias e da dinâmica relacional pela qual pautam as suas interações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.

Bray, J., Williamson, D., & Malone, P. (1984). Personal authority in the family system: Development of a questionnaire to measure personal authority in intergenerational family processes. *Journal of Marital and Family Therapy*, 10, 167-178.

Charles, R. (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of self, triangulation, and fusion? *The American Journal of Family Therapy*, 29, 279-292.

García-Méndez, M., Rivera-Aragón, S., Reyes-Lagunes, I., & Díaz-Loving, R. (2006). Construcción de una escala de funcionamiento familiar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 22(2), 91-110.

Gonçalves, M. I., & Barros, L. (2008). Inventário de preocupações e valorizações para jovens: Contributo para a avaliação das atribuições de preocupação e importância a áreas da vida de jovens na fase de transição para a adultícia. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 26(2), 141-166.

Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001: Resultados definitivos*. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71467&DESTAQUESmodo=2

Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of Self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27, 251-260.

Kerr, M. E. (2003). *La historia de una familia. Un libro elemental sobre la teoría de Bowen*. Washington, DC: Centro de la Familia de Georgetown.

Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: An approach based on Bowen theory*. New York: WW Norton & Co.

Kim-Appel, D., Appel, J., Newman, I., & Parr, P. (2007). Testing the effectiveness of Bowen's concept of Differentiation in predicting psychological distress in individuals age 62 years or older. *The Family Journal*, 15, 224. doi: 10.1177/1066480707301291

Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.

Knauth, D. A., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the Differentiation of Self Inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53, 163-171.

Lam, C. M., & Chan-So, C. (2010). *Report on validation of the chinese version of the Differentiation of Self Inventory (C-DSI)*. Hong Kong: International Social Service Hong Kong Branch.

Lawson, D., Gaushell, H., & Karst, R. (1993). The age onset of personal authority in the family system. *Journal of Marital and Family Therapy*, 19(3), 287-292.

Licht, C., & Chabot, D. (2006). The Chabot emotional differentiation scale: A theoretically and psychometrically sound instrument for measuring Bowen's intrapsychic aspect of differentiation. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 167-180.

Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(4), 453-466.

Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). Bowen family systems therapy. In *Family therapy: concepts and methods*, (4th ed., pp. 141-176). Boston: Allyn and Bacon.

Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.

Pallant, J. (2003). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (version 12). Maidenhead, Berkshire: Open University Press.

Patrick, S., Sells, J.N., Giordano, F.G., & Tollerud, T.R. (2007). Intimacy, differentiation, and personality variables as predictors of marital satisfaction. *The Family Journal*, 15, 359-367.

Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? *The American Journal of Family Therapy*, 36, 388-401.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (3a ed.). Lisboa: Sílabo.

Relvas, A. P. (2000). O ciclo vital da família: *Perspectiva sistémica* (2ª ed.).

Porto: Edições Afrontamento.

Rodríguez-González, M. (2009). *El desarrollo afectivo y la construcción de la relación de pareja: estudio sobre la relación entre la Diferenciación del Self, la Satisfacción Marital y el Funcionamiento Familiar*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidad Pontificia Comillas: Diploma de Estudios Avanzados.

Rodríguez-González, M., & Kerr, M. E. (2011). Introducción a las aplicaciones de la Teoría Familiar Sistémica de Murray Bowen a la terapia familiar y de pareja. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 77, 7-15.

Rodríguez-González, M., Relvas, A. P., Major, S., Miranda, C., & Rousselot, M. (2011, March). *The measurement of Differentiation of Self: Implications for theory development*. Paper presented at the XIXth World Family Therapy Congress of the International Family Therapy Association, Noordwijkerhout, The Netherlands

Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 229-237.

Skowron, E. A., & Friedlander, M. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 235-246.

Skowron, E. A., Holmes, S. E., & Sabatelli, R. M. (2003). Deconstructing differentiation: Self regulation, interdependent relating, and well-being in adulthood. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*. 25(1), 111-129.

Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29(2), 209-22.

Skowron, E. A., Van Epps, J. J., & Cipriano, E. A. (in press). Toward greater understanding of differentiation of self in Bowen Family Systems Theory: Empirical developments and future directions. In C. Rabin & M. Mikulincer (Eds.), *Differentiation of self: Theory, research, and clinical applications*.

Tuason, M. T., & Friedlander, M. L. (2000). Do Parents' differentiation levels predict those of their adult children? and other tests of Bowen theory in a Philippine sample. *Journal of Counseling Psychology*, 47(1), 27-35. doi: 10.1037//0022-0167.47.1.27

NOTA DE RODAPÉ (P. 100)

1.

O Personal Authority in the Family System Questionnaire (PAFS; Bray, Williamson, & Malone, 1984) foi desenvolvido para medir processos familiares baseados em aspetos da atual teoria familiar intergeracional (Williamson, 1981, 1982b, citado por Bray et al., 1984). É um questionário de 132 itens do tipo Likert (1-5), distribuídos por oito escalas (e.g., Intimidação Intergeracional, Intimidade Conjugal, Fusão/Individuação Conjugal, Triangulação da Família Nuclear), frequentemente utilizado para avaliar a capacidade de um indivíduo para funcionar de forma autónoma no sistema familiar, ao mesmo tempo que mantém uma ligação adequada com os pais e os outros significativos, tendo em conta a sua idade.